

## *There's a song the common folk sing*

**Richard Zenith**

*Tradução*

There's a song the common folk sing.  
I don't even know if it's fado...  
Hearing it, a different rhythm  
Seizes the self I keep hidden.

Hearing it, I'm who I would be  
If being were just wishing...  
It's a simple melody  
– The kind one learns by living...

And I listen, alone and lulled...  
That's the song I was craving...  
I lost the way, and faith...  
Happy is the man I wasn't.

But this sad and wispy song  
Has such a soothing effect  
That my soul has quit its crying  
And I don't have a heart...

I'm a foreign emotion,  
Echo of a vanished dream...  
One way or another I sing  
And end up with a meaning!

*9 November 1928*

Há uma música do povo,  
Nem sei dizer se é um fado —  
Que ouvindo-a há um ritmo novo  
No ser que tenho guardado...

Ouvindo-a sou quem seria  
Se desejar fosse ser...  
É uma simples melodia  
Das que se aprendem a viver...

E ouço-a embalado e sozinho...  
É essa mesma que eu quis...  
Perdi a fé e o caminho...  
Quem não fui é que é feliz.

Mas é tão consoladora  
A vaga e triste canção...  
Que a minha alma já não chora  
Nem eu tenho coração...

Sou uma emoção estrangeira,  
Um eco de sonho ido...  
Canto de qualquer maneira  
E acabo com um sentido!

**Fernando Pessoa**

*9 de novembro 1928*



## **Da Habitação Comum da Tradução: Com-Viver Entre Línguas**

**Ana Luísa Amaral**

Sabemos como traduzir um poema implica técnica, vasto domínio das línguas, ampla cultura. Mas traduzir um poema exige também uma profunda sensibilidade e, a ela ligada, esse elemento algo inexplicável que dá pelo nome (antigo) de inspiração. A imagem que me ocorre, quando se traduz poesia, é a de se entrar no poema inicial como se de uma casa se tratasse, *com-viver* com a língua e a cultura que o rodeia, mas depois escolher para essa casa móveis e gente nossa, fazer da casa habitação comum onde possam viver os sons e os sentidos que à casa deram sentido primeiro e, ao lados destes, os sentidos e os sons encontrados na nossa própria língua – e, com eles, a sua música. São essas qualidades ligadas à capacidade de ‘abrir o poema’ e o habitar de forma partilhada, a par de um extraordinário ‘ouvido musical’, que Richard Zenith possui e que lhe tem vindo a granjear a justíssima reputação de um dos melhores tradutores de português para inglês.

Antes de comentar brevemente esta sua tradução do poema “Há uma música do povo”, de Fernando Pessoa, não posso deixar de sublinhar a dificuldade que é o trânsito entre uma língua românica, como a portuguesa, e uma língua anglo-saxónica, como a inglesa. Por um lado, a língua inglesa é bastante mais sintética do que a portuguesa, serve-se mais amiúde de prefixos e sufixos capazes de mudar completamente o sentido a uma palavra, e esta característica reflecte-se na poesia de forma reforçada: por vezes, transformar um decassílabo no seu mais próximo equivalente, o pentâmetro iâmbico (ou vice-versa) resulta num verso artificioso e artificial. Adicionalmente, se a tradução for a de um poema rimado, encontrar o equivalente para as rimas do português passa muitas vezes por soluções como o recurso à aliteração – figura sintáctica em que a língua inglesa é pródiga.

O poema de Fernando Pessoa que aqui é traduzido fala do fado. E fá-lo utilizando quadras em redondilha maior (7 sílabas), assim acompanhando a música que, tradicionalmente, mais se adapta à nossa língua. A opção seguida por Richard Zenith é a estrofe também de 4 versos, mas em (predominantemente) tetrâmetros – 4 sílabas tónicas. E é muito relevante que Zenith tenha recorrido a esta solução, porque o tetrâmetro é a

forma mais usada nas baladas inglesas, a que melhor segue a música da língua inglesa, a forma usada, portanto, no registo mais “popular” – o que é consonante com os versos que abrem o poema, “Há uma música do povo”, aqui traduzidos por “There’s a song the common folk sing”. Saliento que Richard Zenith poderia ter optado por traduzir “povo” por “people” – mas “people” tem um sentido colectivo, abstracto, até político, e, por assim dizer, elevado, ao passo que “common folk” possui uma conotação diversa, relativa às classes baixas e pouco letradas, ao estrato social a que, no poema de Pessoa, se chama justamente “povo” – de onde emergiu o fado.

Note-se como na tradução de Richard Zenith quase não há rimas de final de verso (excepto em casos como o da segunda quadra, em que ele optou por rima – quase – perfeita: “be”/“wishing”/“melody”/“living”). Não tenho quaisquer dúvidas de que teria sido possível a Zenith rimar todo o poema; mas também não duvido de que o resultado seria artificioso e não produziria o efeito de naturalidade que aqui é atingido. Por isso falei acima da importância em inglês das aliterações, a que Zenith recorre abundante e sabiamente, tal como às rimas internas, na maior parte das vezes toantes ou assonantes. No segundo caso, são bons exemplos as rimas “Hearing it, a different rhythm” (v. 3), “**who I would**” (v. 5), “**way, and faith**” (v. 11) ou “**Happy (...)** **man (...)** **wasn’t**” (v. 12). E extraordinários exemplos de aliterações podem ser encontrados em passos como “**Seizes the self**” (v. 4); **learns by living** (v. 8); **I listen, alone and lulled** (v. 9); ou ainda na 4ª estrofe, notável pela presença de sibilantes: “**But this sad and wispy song / Has such a soothing effect / That my soul has quit its crying** (vv. 13-15)”.

Termino este curto comentário fazendo notar que há momentos muito felizes na passagem para a língua inglesa de versos difícilimos como “Quem não fui é que é feliz”. Literalmente, a tradução para inglês deste verso seria algo como “The one I wasn’t is truly the one who is happy” – mas o verso surge aqui traduzido por Richard Zenith como “Happy is the man I wasn’t”. Bastaria esta frase, cujo início declarativo “happy is the man” envia para uma dimensão quase profética (pense-se no conhecido passo do “Livro dos Provérbios”, da Bíblia, “Happy is the man who findeth wisdom”), depois desmentida na totalidade do verso, críptico e tão evocativamente pessoano, para provar a maestria de Richard Zenith.

Fazer confluír vozes várias e movimentos múltiplos é tornar comumente habitável a(s) poesia(s). É ainda “acabar com um sentido” / “end up with a meaning” – assim, dentro, mas também lado a lado.